

O vinho na *poesia menor* de Anrique da Mota

Eu desejo de habitar
nãa ermida a meu prazer,
onde pudesse folgar.
(...)
E que fosse num deserto
d' infindo vinho e pão,
e a fonte muito perto
e longe a contemplação.

Gil Vicente, *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela*

Estudar o tema do vinho na literatura portuguesa medieval e adequar esse estudo a uma breve apresentação num colóquio desta natureza foi uma estimulante oportunidade de investigação que quero começar por agradecer à Comissão Organizadora.

Escolhi para epígrafe deste meu trabalho um excerto de uma peça vicentina, *Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela*, escrita em 1527, onde um clérigo eremita, casamenteiro e descontente, sonha com uma *santa vida* numa ermida ideal, perguntando aos pastores da Serra da Estrela onde poderia encontrá-la. Gostaria que tivesse uma cela ampla, boa cama, em clima temperado, caça ao jantar e peixe ao almoço, regado com bom vinho, música, companhia feminina. Enfim, todo um “programa de vida à margem dos costumes prescritos para a instituição monástica” (J. Camões, *Serra*: 24), mas uma verdadeira mostra da Arte de Viver. E é de salientar que na parada gastronómica que encontramos na fala da personagem (pão, caça e pescaria, perdiz, moxama) o vinho se repete, como se fosse o elemento mais importante do seu plano alimentar.

Trata-se de uma personagem vicentina que configura a transgressão, o mundo às avessas, é mais um exemplo da sátira mordaz dirigida ao clero, de que poderíamos dar muitos outros exemplos retirados do vasto *corpus* dramático que nos legou. E neste caso tão forte que levou a censura a cortar esta personagem da peça na edição de 1586 da *Copilaçam*, o que implicou a supressão de 116 versos. Mas se este é o mote para a nossa reflexão, ela vai centrar-se contudo num outro poeta, e num *corpus* textual mais específico: falaremos de Anrique da Mota e da sua *poesia menor* (Neil T. Miller), transmitida integralmente através do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende.

A atribuição, aos membros do clero, de um especial apreço pela comida e sobretudo pelo vinho, com intuito jocoso e crítico, é uma estratégia com tradições bem firmadas já nas cantigas trovadorescas de pendor satírico e que se prolonga no *Cancioneiro Geral* (1516). Certamente que entre os mais famosos poemas que tratam o tema se encontra o que se anuncia, na compilação de Resende como *D' Anrique da Mota a ũ créligo sobre ũa pipa de vinho que se lhe foi polo cham e lementava-o desta maneira [Pranto do Clérigo]*.

E é realmente sobre Anrique da Mota que gostaria de fazer algumas considerações, mais especificamente a propósito da relevância do tema do vinho na sua poesia. Não me centrarei no *Pranto do Clérigo*, embora necessariamente tenha que lhe fazer referência, mas em três poemas *menores* - e a designação, adotada por Neil T. Miller, remete apenas para uma comparação, em extensão, destes poemas com outros, mais longos e complexos, não carrega nenhuma conotação de natureza qualitativa – em que o tema está presente:

- *De Henrique da Mota a João Rodriguez de Saa para que falasse por ele ao Conde seu sogro, e a Jorge de Vasconcelos, seu cunhado, sobre dinheiro que lhe não pagavam de vinhos que lhes vendeu para uma armada,*

- o segundo *Outro Vilancete ao Conde de Vila Nova sobre este caso.*

- e um terceiro *D' Anrique da Mota a Dom Joam de Noronha e a Dom Sancho, seu irmão, porque se foram confessa ra São Bernaldi na metade do Verão, levando consigo o Vigairo de Óvidos, que é muito gordo, e vieram jantar a um lugar que chamam os GiralDOS, e não acharam vinho pera beber.*

Este último, que nos coloca nos coloca perante clérigos tentados pelo precioso néctar, foi também, como a peça vicentina a que aludimos, alvo da censura ainda no séc. XVI, tendo sido os seus versos todos cobertos por linhas (incluindo a introdução e o nome do autor), como se pode verificar em cópias do *Cancioneiro Geral* conservadas na Biblioteca Nacional¹.

Estes poemas, como aliás toda a produção poética de Anrique da Mota, foram-nos transmitidos, como dissemos, apenas através do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, onde a sua poesia ocupa mais de dez fólios. Dos chamados poemas menores fazem parte cantigas e vilancetes de tema amoroso (4 poemas), 3 poemas de *natureza satírico-burlesca* (Miller) e um último sobre a interpretação de uma visão narrada por um seu amigo. Os poemas mais importantes são os cinco diálogos dramáticos ou curtas farsas transmitidas também pelo *Cancioneiro Geral: Lamentação (ou Pranto) do Clérigo*, *Farsa do Alfaiate*, *Farsa do Hortelão*, *Lamentação da Mula* e *Processo de Vasco Abul*. Já em meados do séc. XX foi descoberto por Eugenio Asensio (ed.1965) na Biblioteca Manizola (Évora) um códice contendo uma carta de Anrique da Mota a D. João III (1528) sobre a morte de Inês de Castro, carta em prosa, com alguns trechos em verso, escrita no âmbito das suas tarefas e incumbências de recenseador em Coimbra.

Anrique da Mota deverá ter nascido no Bombarral por volta de 1470-1480, formou-se em Direito, tendo exercido funções de Juiz de órfãos em Óbidos, condição que o terá levado, aliás, a deslocar-se por várias localidades no centro do país. Em 1499 já estava na corte e era escudeiro de D. Manuel. Conserva-se também documentação que atesta o seu cargo de “escrivão da corte”, em 1527, no tempo, portanto, de D. João III,

¹ *História da Literatura Portuguesa*. Vol. 1: 532. Miller, *Obras de Henrique da Mota*: 149.

encarregado do recenseamento de Coimbra e Lisboa. A última referência ao poeta, no seu papel de escrivão é de 1545.

As abundantes referências ao vinho que se encontram na sua poesia levam a crer que ele ou a sua família tivessem ligações ao seu comércio em Portugal, sendo essa sugestão corroborada por testemunhos documentais, segundo os quais a família possuía vinhas, pomares e pinhais.

O primeiro poema, *De Henrique da Mota a João Rodriguez de Saa para que falasse por ele ao Conde seu sogro, e a Jorge de Vasconcelos, seu cunhado, sobre dinheiro que lhes não pagavam de vinhos que lhes vendeu para uma armada*, é um dos muitos que encontramos no *Cancioneiro* apresentando o modelo poético mais comum na compilação de Resende, o dos “poemas vocativos”, marcados pelo seu carácter apelativo, desenvolvidos em torno de um assunto prosaico. Aqui trata-se de uma dívida por saldar, para o que o sujeito, credor, pede a interferência de outro, Joham Rodriguez de Saa, também poeta palaciano, confiando nos seus bons ofícios para o desfecho favorável da questão. Talvez a banalidade do assunto tenha por detrás um aspeto relevante, o montante da dívida, o que poderá explicar o investimento poético neste pedido, em extensão textual e na erudição das referências que contém. O apelo dirigido por Anrique da Mota a Joam Rodriguez de Saa desenvolve-se num poema de 9 estrofes que termina com um vilancete (mote e 2 glosas). Num processo típico de *captatio benevolentiae*, as duas primeiras estrofes, contêm um elogio ao interlocutor que salienta a *gram fama* que lhe advém dos seus dotes poéticos e de servidor galante de damas. Nas estrofes conclusivas o mesmo registo do panegírico e uma linguagem metafórica evocando o episódio mitológico do labirinto de Creta para comparar Rodrigues de Saa a Teseu e afirmar que só ele o podia ajudar a encontrar o cordel para sair daquela difícil situação. Nas 5 estrofes centrais narra o sucedido, as diligências já feitas para recuperar o pagamento do vinho, a inspiração que lhe veio num sonho para recorrer a este, a cujo serviço promete dedicar-se se ele conseguir livrá-lo de tal agravo.

No vilancete que encerra o poema desaparecem as notas referenciais e o que se enfatiza é a aflição do sujeito enganado, e o pedido de socorro.

O tema prolonga-se num outro vilancete (mote e 4 glosas), no qual se dirige a um dos devedores, D. Martinho, Conde de Vila Nova, segundo informação da rubrica introdutória. O vilancete é ele próprio uma glosa dos anteriores em que, com uma feliz expressividade, o sujeito compara simbolicamente a sua situação ao vaivém de Cristo, entre Herodes e Pilatos, lamentando um prejuízo acrescido, o gasto em sapatos:

Quanto ganho nos partidos
tanto gasto em sapatos
de Herodes para Pilatos.

Eis me vou e eis me venho
como barca de carreira,
quanto ganho, quanto tenho,
tudo leva a taberneira.

E assim desta maneira
gasto todos meus sapatos
De Herodes para Pilatos.

O tema do vinho parece ser, nestes dois poemas, meramente circunstancial, já que a vertente satírica do poema reside essencialmente na denúncia levada a cabo pelo sujeito poético de quem lhe deve o pagamento de um bem que transaciona, uma dívida que parece pesar bastante na sua vida, a avaliar pela forma enfática como se dirige a quem acha que o pode ajudar.

Já no outro dos poemas de Anrique da Mota que seleccionámos, o tema do vinho ganha uma maior centralidade: *De Henrique da Mota a Dom Joam de Noronha e a Dom Sancho, seu irmão, porque se foram confessara São Bernardi na metade do Verão, levando consigo o Vigário de Óbidos, que é muito gordo, e vieram jantar a um lugar que chamam os Giraldos, e não acharam vinho para beber.*

A rubrica deixa antever algo anómalo, ainda que assuma um propósito meramente informativo em relação ao conteúdo do poema e à explicitação dos seus destinatários, que são simultaneamente protagonistas da narrativa da aventura que vai comentar e censurar: dois irmãos, Dom Joam de Noronha e Dom Sancho foram confessar-se, acompanhados pelo Vigário de Óbidos e em seguida foram jantar. Temos, como informações complementares o lugar escolhido para a confissão, *S. Bernaldi* (um convento de franciscanos, existente na praia de S. Bernardino, perto de Peniche), o tempo de Verão, a compleição física do vigário que os acompanha, a falta de vinho no jantar. A multiplicidade de dados informativos deixará o leitor ou o ouvinte perplexo, suspenso do desenrolar narrativo que assim se anuncia. O poema apresenta-se longo, de dez estrofes compostas por estrofes de 9 versos de redondilha maior, que resultam de 2 grupos rimáticos de 4+5. Só as duas primeiras estrofes se referem à confissão, assumindo o sujeito poético um discurso crítico relativamente às confissões no Verão, que segundo ele são tão prejudiciais para o corpo e com tão pouco proveito para a alma, que mais vale a excomunhão. A sequência natural da confissão é a penitência e este tópico dominará o poema a partir daqui. Tal como a confissão em tempo quente, a penitência *é cousa tam maa/ que se n'alma vida daa, no corpo causa doença.* (estrofe III). Ora logo na estrofe seguinte introduz-se a terapêutica para tal doença:

É cousa mui sã
pera os corrutos aares
nos dias caniculares
o beber pela menhã
Atouguia ou Lourinhã.
Quem nam tiver, Caparica
sobre pera ou maçã
e o al é cousa vã,
em salvo está quem repica.

Salvos de doenças estarão, portanto, os clérigos, que têm sempre a cura por perto, continua o nosso poeta acentuando e dirigindo agora a sua sátira diretamente para o vigário, através de um jogo de palavras entre o “bibiairo” (jogo de palavras com o breviário) em que ele reza sem perigo, mais do que no “rosairo”.

A violenta crítica continua com uma paródia do cântico litúrgico do Serviço dos Mortos *Absolutio Super Tumulum*, citado e deturpado para vincar ironicamente a dolorosa penitência que se abateu sobre este grupo de amigos, privados num dia de Estio de beber o precioso néctar:

In die illa tremenda,
Quando for o ceo movido
E o vinho falecido
Que nam achem quem no venda
Nem fiado nem aa tenda,
Nem per força, nem per rogo.
Domine michi defenda
De tam áspera emenda
Ante me julgue per fogo.

[Libera me, domine, de morte aeterna, in die illa tremenda quando caeli moventi sunt et terra: dum veneris judicare saeculum per ignem]

Antes de terminar ainda temos uma cómica comparação dos três com os Reis Magos. Como os Reis Magos que partiram em demanda do Salvador, também estes saíram da corte e rumaram a ocidente para prestar culto... ao vinho, já que a confissão parece ser um mero pretexto para a rota seguida até uma região onde, para além do confessor frade, abundavam as variedades vinícolas. E o que espanta o sujeito é que com tamanha adversidade tenham sobrevivido à peregrinação.

Na estrofe final o poeta reúne os tópicos principais: a confissão no tempo quente, os pecados contados e a penitência para, em tom sentencioso, declarar ironicamente que os tormentos que passaram nesta jornada lhes valeram a absolvição e assim já não precisam jejuar:

Ora já vos confessastes,
guardai-vos de jejúuar
qu’ assaz vos deve abastar
o suor que laa suastes.
Porque dou-lhe que contastes
mais pecados do que eram,
eu m’afirmo que pagastes
n’ afronta que lá passastes
a pendenza que vos deram.

A relação estabelecida entre o vinho e o clero vai prolongar-se no *Pranto do Clérigo*, o diálogo dramático mais famoso de Anrique da Mota. Não creio, como já foi afirmado, que o ataque seja aí mais “profundo” (Neil Miller), julgo que são duas peças poéticas estruturalmente muito diferentes. Não é possível dizer hoje qual dos dois poemas terá sido escrito primeiro mas seguramente em épocas muito próximas (1513, 1514). O gordo vigário do *Pranto*, com quem o clérigo partilha a sua dor pela perda do vinho,

parece ser este vigário de Óbidos já que, para além de gordo, sofre igualmente com a falta do vinho. No *Pranto* chora-se a perda do Caparica, o vinho que também vem mencionado no nosso poema, embora seja claramente uma segunda escolha, uma vez que a primazia vai para os vinhos da região do Bombarral, o Atouguia e o Lourinhã.

Nas trovas a Dom Joam de Noronha encontramos, mais do que em qualquer dos outros textos, interessantes referências ao tempo e ao espaço: o Verão é o tempo dos *dias grandes e caniculares*, dos *ares corruptos*, com expressiva referência ao canto da cigarra, o inseto que só se ouve pelas horas de maior calor, por oposição ao Inverno, mais propício à confissão. O espaço é o Oeste, região de produção de vinho, propício à celebração báquica dos três amigos. Mas o *vinho falecido* foi terrível penitência.

A ausência do vinho, sentida com grande dramatismo, é afinal o que une estes poemas menores de Anrique da Mota que escolhemos. Nos dois primeiros o poeta queixa-se do pagamento que lhe é devido sobre um vinho que vendeu e que se “gastou”, sem qualquer retorno: (...) Dom Martinho/ mandou gastálo vinho, (...); Vasconcelos mo comprou, / Castelo Branco mo gastou em Zamor (...). No poema a D. Joam de Noronha são as personagens que ficam agravadas por “querer beber sem ter o quê”. E veja-se como esta acumulação em anáfora enfatiza a importância dessa ausência:

nam achem quem no venda
nem fiado nem aa tenda,
nem per força nem per rogo

Em todos eles o tema do vinho é trabalhado para servir propósitos de crítica social, dirigida não só ao clero, mas também à nobreza se não falida pelo menos incumpridora no que se refere ao pagamento de serviços prestados.

Abundam no *Cancioneiro Geral* os exemplos de sátira social, que seria temida pelos seus potenciais alvos, a avaliar pelas reflexões do clérigo do *Pranto* que, perante as ameaças da negra denunciar a sua vida de concubinato e o seu vício de beber, resolve esquecer a intenção de se vingar dela, temendo gastos acrescidos no processo judicial, mas receando sobretudo o julgamento poético das trovas que sobre ele fariam:

Olhai a perra que diz
que fará, irá dizer ao juiz
o que fiz e que não fiz,
e crerá.
(...)

então em provas, não provas
gastarei,
irão dar de mim más novas
e farão sobre mim
trovas,
que farei?

Creemos, assim, que Anrique da Mota soube potenciar na atividade poética a sua competência de magistrado, julgando e ditando sentenças também através das suas trovas *menores*, em que trabalhou o tema do vinho com bastante graça e acutilância

crítica, como reconheceu Mário Martins, que afirma ser ele *o maior* dos poetas do *Cancioneiro* que se inspiraram no vinho (1987:79).

Referências:

Cancioneiro Geral de Garcia de Resende (Fixação do texto e estudo por Aida Fernanda Dias), Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993 (vol. IV).

Obras de Henrique da Mota. As Origens do Teatro Ibérico (Apresentação e estudo de Neil T. Miller), Lisboa, Sá da Costa, 1982.

Mário Martins, *O riso, o sorriso e a paródia na literatura portuguesa de Quatrocentos*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1987.